as respostas de movimento no z-test *

FRANCISCO CAMPOS **

O presente trabalho não é uma pesquisa, nem mesmo o esbôço de uma pesquisa. É um achado fortuito, tão fortuito como as próprias manchas de tinta. Suas conclusões deverão ser submetidas a confrontos e revalidação.

Não vou expor a teoria das respostas de movimento perante uma assembléia que tem demonstrado entender do assunto bem mais do que eu, muito menos depois do magistral trabalho apresentado pela equipe encabeçada pela Prof.ª Vera Campo. Também não pretendo estender-me em examinar tôdas as respostas M, como o título do trabalho pareceria indicar. Limitar-me-ei a ressaltar a freqüência, para mim estranha e muito maior do que caberia esperar do mero acaso, com que apareceu na II lâmina do Zulliger uma determinada resposta em um determinado grupo de pessoas. A área a que me refiro é a parte central dessa mancha, no detalhe vermelho que orla o espaço branco; as pessoas, são estudantes de psicologia; a resposta, "mulheres cumprimentando-se" e outras a esta assemelhadas.

A amostra estudada é muito restrita: apenas dois grupos, relativamente pequenos. O motivo dessa restrição radica, como foi dito, no fato de não se tratar de uma pesquisa intencional, mas de uma simples observação, espécie de subproduto de dois trabalhos de seleção.

---

*) Trabalho apresentado ao I Simpósio Latino-Americano do Rorschach, Novembro de 1967, Montevidéu.

**) Do Instituto de Seleção e Orientação Profissional FGV.

Os grupos comparados são:

a) 30 estudantes de psicologia aspirantes a estágio, 24 dêles com idade compreendida entre 20 e 25 anos, e os seis restantes, mais velhos. Idade mediana, 22 anos. Sexo: 24, feminino; 6, masculino. Uns poucos conheciam o Rorschach superficialmente, ou tinham sido antes submetidos ao Zulliger, mas sem receber interpretação. Provinham do Rio de Janeiro.

b) 31 candidatos a professôres de diversas matérias em uma Escola de Administração de São Paulo, de 22 a 30 anos de idade (outros seis mais velhos foram excluídos da pesquisa, embora os resultados não a teriam modificado sensìvelmente). Com uma idade média de 25 anos, havia sòmente três mulheres, sendo, òbviamente, homens os restantes 28.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A resposta estudada é uma resposta de Movimento humano em um detalhe, que alguns não aceitariam como resposta de movimento, outros classificariam como M, e alguns como Mp, Ms, Kp ou Bkl. Parece conveniente rever, em rápida resenha, o que alguns autores escreveram acêrca dêste tipo de respostas.

Rorschach refere-se pelo menos três vêzes a respostas de movimento humano em detalhes pequenos. Diz na página 178 de seu *Psicodiagnóstico*, edição castelhana, que são respostas de "valor sintomático ainda não esclarecido". Pouco antes, todavia, na página 166, sustenta que a "animação cinestésica de detalhes muito pequenos (é comparável) com muitos protocolos paranóides" e pouco depois, na página 236, parece-lhe que tais respostas sugerem "prazer na confabulação e uma afetividade viva", que se encontram em paranóides e em doentes de Korsakoff.

Ewald Bohm, em seu *Vademecum del Test de Rorschach*, pág. 30 (Madrid, 1960), repete as palavras de Rorschach. Já em seu "Manual del Psicodiagnóstico de Rorschach" (Madrid, 1953), admite as respostas como classe à parte de detalhe pequeno, que classifica como Bkl, e diz a êsse respeito na página 97: "Têm evidentemente certa relação com a fabulação, e são, como as B (M grandes) expressão de atitudes criadoras, embora com significação mais específica. Encontram-se, continua, durante os períodos de produtividade e entre os doentes de Korsakoff com vivas confabulações, e em pessoas normais, especialmente entre as dotadas de

talento artístico para a pintura e a literatura e, segundo Zulliger, também nos que apresentam atitudes pedagógicas (bons narradores de histórias)".

Zulliger deve ser citado especialmente, pois é de seu teste que se trata. Em *Le Test Z Collectif*, edição de Berna de 1957, nos diz que as respostas Kp (conforme traduz Solomon, para o francês, as Bkl) são indícios de temperamento imaginativo, de uma tendência a embelezar e enfeitar (pág. 39). Admite, como vemos, uma classificação especial, mas seu critério de classificação não está muito definido, pois respostas sôbre a mesma área, (os bonequinhos ou soldados vermelhos da lâmina III), são por êle classificadas por vêzes como M, outras como Mp.

Em sua segunda publicação sôbre o Z-Test, *Le Test Z Individuel*, Paris, 1959, é um pouco mais explícito.

Após lembrar que foi *Behn-Eschenburg* o primeiro a pôr em evidência êsse tipo de respostas, afirma o seguinte: "Seu conteúdo indica que essa pessoa tem pendores para a descrição imaginativa, para o decorativo, e que gosta de imaginar e contar histórias. Interpretam amiúde pequenas cenas em movimento, tomadas por vêzes como contos de fadas. Êsse gôsto pela fabulação, quando exprimido pelas respostas Kp, aproxima-se mais da imaginação do que da confabulação. Sentem prazer em contar seus fantasmas".

Sygmunt Piotrowski, em sua *Perceptanalysis* (1957, pág. 164), pronuncia-se da seguinte forma: "Quanto menor a área em que a M é vista, mais fraco o é impulso que fica atrás dela. Conseqüentemente, as dM são dadas por indivíduos paranóides; pode ser que as dM dos paranóides estejam relacionadas com as suas idéias delusórias. Ainda não está esclarecido se as dM encontram também expressão nas alucinações". Vemos, pois, que a opinião de Piotrowski não é tão otimista como a de Zulliger.

Diz-nos Cícero Christiano de Sousa:

"Os indivíduos de inteligência média ou superior produzem cinestesias geralmente em conexão com detalhes comuns ou com a totalidade da mancha. Podem encontrar-se em partes raras, às vêzes em detalhes diminutos, nos exames de outros grupos de indivíduos, mòrmente em esquizofrênicos de forma paranóide. Com muito menos freqüência surgem também nos protocolos de neuróticos" (*O Método de Rorschach*, São Paulo, 1953, pág. 86).

Roy Schafer admite os Ms em sua *Psychoanalitical Interpretation in Rorschach Testing* (Nova York, 1954), sugerindo que podem significar ou um valor importante ou uma fonte de ansiedade (pág. 199).

Ernest G. Schachtel (*Experiencial Formulations of Rorschach Test*, Nova York, 1966) cita as respostas M em pequeno detalhe, apenas para dizer que são uma exceção à regra de que as lâminas são mais sugestivas de M do que de F (pág. 212).

Nettie H. Ledwith, em *A Rorschach Study of Child Development*, Pitsburgo, 1960, sublinha apenas a importância de se levar em conta a qualidade e a *localização das respostas* M, sem esclarecer, no entanto, se "localização" significa o tamanho da área em que o M seja percebido.

Rapaport (*apud* Endara, Julio, *Test de Rorschach*, Quito, 1964, página 117) não admite que se considerem como M as respostas de movimento dadas em detalhes raros.

Também não confere a essas respostas classificação ou significação específica Marguerite Loosli Usteri (*Manual Práctico del Test de Rorschach*, Madrid, 1955, pág. 99), quando a seu respeito cita Ombredane.

Por sua parte, Phillips e Smith diferenciam entre as DM, que "refletem uma aproximação realista e positiva às relações interpessoais", e as DdM "respostas essencialmente autistas, onde do pouco se faz muito", análogas às respostas fabulizadas, e que insinuariam dificuldades no ajustamento e poderiam encontrar, nos casos extremos, sua expressão nas delusões da paranóia (*Rorschach Interpretation: Advanced Technique*, Nova York, 1953; pág. 70).

Em outros autores consultados (Klopfer, Harrower, Pascual del Roncal, Th. Alcock) não encontrei referências sôbre o assunto.[1]

Resumindo esta já não tão breve revisão bibliográfica, podemos observar:

a) Quanto à admissão das respostas de movimento nos detalhes:

— são estas respostas completamente ignoradas por alguns autores;

1) No interessante trabalho de Vera Campo, *Movimiento y Conducta*, apresentado neste mesmo Simpósio, exprime-se a opinião de que os movimentos em D representam o comportamento manifesto habitual, enquanto que os movimentos em d só corresponderiam à conduta manifesta em circunstâncias especiais.

— admitem outros a sua existência, mas não lhes reconhecem direito a figurarem como respostas de movimento;

— há quem lhes dê um significado especial, sem contudo lhes assignar a categoria correspondente;

— uns poucos, finalmente, lhes conferem um símbolo especial e lhes atribuem um significado específico.

b) Com relação à sua interpretação podemos advertir duas tendências básicas:

— a dos que lhes dão uma conotação sistemàticamente pejorativa (Korsakoff, paranóia), ou lhes atribuem pelo menos um enfraquecimento dos impulsos representados pelos M normais;

— os que admitem, ao menos em parte, algum aspecto positivo, como a "atitude pedagógica" e as inclinações estéticas de Zulliger.

Não terá passado despercebido que, a não ser para Phillips e Smith (e para Vera Campo), a delimitação das respostas de movimento em detalhe normal ou em detalhe pequeno não é muito nítida e que prevalece a tendência a considerá-las tanto mais negativas quanto menores sejam os detalhes.

Mais adiante, como hipótese e não como conclusão, apontarei a minha opinião. Seja-me, porém, antes, permitido dizer qual é a resposta de movimento em detalhe que deu origem a êste trabalho e apresentar depois alguns dados numéricos.

A RESPOSTA NO DETALHE VERMELHO ESCURO DA LÂMINA II

A resposta, em síntese, com algumas variantes, é a seguinte: *duas mulheres cumprimentando-se.*

Eis as respostas, citadas *ipsis litteris*:

— Duas pessoas se beijando;

— Duas pessoas se beijando num jardim;

— Um casal se beijando;

— Casal de velhos beijando-se;

— Dois namorados de cabeças juntas e de mão dadas;

— Um homem beijando uma mulher;

— Duas damas se cumprimentando;

— Duas damas antigas se cumprimentando;

— Duas mulheres se cumprimentando;

— Duas moças se cumprimentando;

— Dois árabes se cumprimentando;

— Duas mulheres dançando;

— Duas mulheres trocando confidências;

— Duas pessoas com um braço levantado e o cabelo armado;

— Dois vultos de pessoas em atitude de alegria;

— Dois anões com os narizes colados;

— Um homem abrindo os braços, chamando alguém.

(Foi excluída uma resposta que marcou apenas a metade da figura).

Pode-se incidentalmente, observar como são ricas as variações, apesar de o tema central ser quase sempre o mesmo: moças e velhas, namorados, anões de nariz colado, ceremoniosos árabes, como podem se matizar os conteúdos para ecforizar vivências, fantasias ou identificações tão diferentes.

ALGUNS DADOS NUMÉRICOS

Êsses gráficos foram preparados como ajuda visual para esta exposição, pensando, ingênuamente, que poderiam ser vistos por todos. Não posso deixar de exprimir o meu assombro pela grande afluência e pelo entusiasmo, diria que fanatismo, despertado pelo Rorschach, cujo mérito grande parte cabe, sem dúvida, aos organizadores.[2]

2) Substituimos aqui os gráficos por quadros numéricos, para facilidade de impressão.

O Quadro I nos revela que o número médio de respostas é sensìvelmente igual nos dois grupos, o que exclui totalmente êste dado como origem de quaisquer diferenças.

Observe-se de passagem que os professôres dão uma média de G mais alta do que os estudantes de psicologia.

QUADRO I

RESPOSTAS PELA APERCEPÇÃO

Respostas	Número de respostas Ps	Pr	Média Aritmética Ps	Pr
Total	381	399	12,70	12,87
Globais	126	166	4,20	5,35
Detalhe normal	199	190	6,63	6,13
Detalhe pequeno	56	43	1,87	1,39

Ps: estudantes de psicologia (N=30). — Pr: professôres (N=31)

O Quadro II registra numèricamente tôdas as respostas de movimento (M, FM e m).

Indica, para cada categoria e para o somatório, além do número absoluto de respostas de movimento, a média por protocolo e a percentagem com relação ao total de respostas.

Nessa relação com o total de respostas, observa-se:

a) um número de M e de FM bem mais elevado nos estudantes de psicologia do que nos professôres (23,9% para 14,5 e 14,2% para 8,8 respectivamente);

b) curiosamente, quase o dôbro de m para os professôres (4%, ao lado de 2,1) dado pelos professôres. Maior sentimento de frustração nestes?

QUADRO II

RELAÇÃO ENTRE AS RESPOSTAS DE MOVIMENTO E O NÚMERO TOTAL DE RESPOSTAS

	Psicólogos (N=30)			Professôres (N=31)		
	N	Média	%	N	Média	%
Somatório (M + FM + m)	153	5,10	40,2	109	3,52	27,3
Movimento Humano (M)	91	3,03	23,9	58	1,87	14,5
Movimento Animal (FM)	54	1,80	14,2	35	1,13	8,8
Movimento Inanimado (m)	8	0,27	2,1	16	0,52	4,0

O Quadro III apresenta a relação percentual de respostas de movimento humano referidas aos modos de apercepção. Em tôdas elas a percentagem de M é maior nos estudantes de psicologia, especialmente e de forma significativa e marcante, nas localizações D e d: das respostas de detalhe, normal ou pequeno, 34,6% são M entre os psicólogos, enquanto que apenas 8,4% o são entre os professôres. Ainda mais: os professôres não apresentam uma única resposta de movimento humano em detalhe pequeno. Veja-se:

QUADRO III

RELAÇÃO ENTRE AS RESPOSTAS DE MOVIMENTO HUMANO E A LOCALIZAÇÃO

Localização	Respostas de Movimento Humano (M)					
	Psicólogos (N=30)			Professôres (N=31)		
	N	Média	%	N	Média	%
Globais (G)	40	1,33	31,7	42	1,35	25,3
Detalhe normal (D)	44	1,47	22,1	16	0,52	8,4
Detalhe pequeno (d)	7	0,23	12,5	0	0,0	0,0

Outra observação que se pode tirar dos quadros acima, embora alheia à finalidade dêste estudo: a relação G : M é mais favorável aos professôres do que aos estudantes de psicologia. Nestes, é de 4,20 para 3,03; naqueles, de 5,35 para 1,87. Será que os psicólogos têm diminuída sua capacidade de atualização de seu potencial criador?

Outra forma de ressaltar as diferenças, relacionadas com as respostas de movimento humano, entre os psicólogos e os professôres, está representada no Quadro IV. Vê-se por êle que, enquanto 72% das respostas M dos professôres recaíram sôbre áreas globais, isso acontece apenas com 44% das respostas dos psicólogos.

QUADRO IV

RELAÇÃO DAS M EM G, M EM D e M EM d COM O TOTAL DAS RESPOSTAS DE MOVIMENTO HUMANO

Candidatos	Total de M N	M em G N	%	M em D N	%	M em d N	%
Psicólogos	91	40	44	44	48	7	8
Professôres	58	42	72	16	28	0	0

Chegamos, por fim, à resposta especial que constitui o ponto central desta comunicação e cujos conteúdos e localização já são conhecidos. O Quadro V e último, dá a freqüência com que aparece.

QUADRO V

M ESPECIAL (NO D VERMELHO DA PRANCHA II)

	N	Média
Psicólogos (N=30)	17	0,57
Professôres (N=31)	1	0,03

Os professôres deram apenas uma resposta de movimento humano a êsse detalhe. Mesmo assim, a resposta do professor não se assemelha muito às respostas dos estudantes de psicologia; êle viu, efetivamente, "um chinês fitando fixamente", em lugar das duas pessoas que costumam ver os psicólogos.

A diferença entre os dois grupos ressalta de tal modo que dispensaria qualquer tratamento estatístico. Todavia, para agradar aos amigos do objetivo, foi calculado o coeficiente de contingência, que resultou ser de 0,505, muito elevado se se levar em consideração que, com dois graus de liberdade, o coeficiente máximo possível é de 0,707. Convertido o coeficiente de contingência no coeficiente qui quadrado, lança o resultado de 20,93215, quase 21, com um nível de significância maior do que 0,001, isto é, há 10.000 probabilidades contra uma de que a diferença se mantenha a favor dos psicólogos.

Não se justifica tamanha diferença porque os psicólogos hajam dado maior número de respostas, como já se viu: a média para ambas as amostras foi quase idêntica. Há, certamente, uma diferença bastante grande em respostas de movimento em detalhes e pequenos detalhes, mas também não explicam por si sós a diferença entre as respostas que nos ocupam.

TENTATIVA DE INTERPRETAÇÃO

É possível que os que sintam atração pelos números se considerem satisfeitos com o simples confronto dos dados, ainda que os que possuam verdadeira mentalidade estatística acharão que não se lhes deu o tratamento devido, pois está faltando o índice ou coeficiente que cada uma das diferenças encontradas requer para situar exatamente o nível de significância. A razão está com êles, mas os psicólogos têm mais direito ainda quando exigem dos números significados e interpretações dinâmicas.

Que representam, psicològicamente, essas diferenças? Que significam, no caso de significar algo diferente, as respostas de movimento nos detalhes?

Não me atreveria a dar uma resposta que permita generalizações, pois não foi êste trabalho focalizado em tal sentido. Tentarei apenas expor minha opinião sôbre o que pode querer dizer a resposta que serve de

núcleo a êste trabalho, sem pretender tirar conclusões mais generalizadas e, portanto, mais ambiciosas.

Temos, por uma parte, a opinião de alguns, Piotrowski entre outros, que atribui às respostas de movimento em detalhes um poder de indução dinâmica, um impulso à externalização do papel prototípico, em função do tamanho espacial do percepto.

Por outro lado, encontramos a opinião do mestre Rorschach de que as respostas de movimento, reflexo das tendências mais profundas da personalidade, são tanto mais significativas quanto mais originais e quanto mais se desviem da vulgaridade ou, como diz, acentuando-o, Schachtel, quanto menos convencionais sejam.

Esses dois modos de ver correspondem à avaliação da intensidade dos significados que adjudiquemos a essas respostas. Referem-se, pois, de certo modo, a um aspecto formal e quantitativo.

Sob um outro ponto de vista, mais de conteúdo e de qualidade, teremos de considerar o significado das respostas de movimento humano, em geral, e das respostas M em detalhe, em particular. Já vimos, e não se precisa mais insistir nesse aspecto, que para uns são indícios de, pelo menos, débil ajustamento e que, para outros, poderão ser expoentes de atitudes mais positivas.[3]

Observemos que os que dão essa resposta são estudantes de psicologia. Isso deve ter algum significado. Dizia ontem um aparteante que muitos dos candidatos à carreira de psicologia são neuróticos. Neste caso concreto, porém, essa explicação não pode ser absolutamente aplicada, pois que, segundo Rorschach e outros, o significado neurótico dos M nos detalhes assinala traços paranóides ou doença de Korsakoff. Segundo êsses cânones, deveríamos catalogar nossos estudantes como personalidades sujeitas a delusões ou vítimas prematuras do alcoolismo, o que é, evidente e até fisicamente, inaceitável. Prefiro situar-me na linha de Zulliger: atitudes pedagógicas, narradores de histórias.

Surge aqui, quase que espontâneamente, uma forte objeção. Se as respostas de movimento humano em detalhes relativamente pequenos revelam atitudes pedagógicas, como é que os professôres, essencialmente pedagogos, não deram essas respostas?

3) Ou neutras, como a interpretação de Vera Campo, antes mencionada: índice do comportamento manifesto

Só me ocorre uma explicação. Quando Zulliger colheu essas respostas em mestres e pedagogos, foi provàvelmente em professôres de nível primário, pessoas que amam crianças, que vivem no mundo delas e lhes relatam histórias e contos de fadas, pessoas, enfim, dotadas de vivo interêsse e calor humano. No caso dos professôres de nível universitário, mòrmente de administração, o interêsse humano, pessoa-a-pessoa, não tem por que ser tão acentuado. Prevalece nêles o interêsse científico e, pela sua formação profissional específica, o econômico e o amplamente social.[4]

Em outro sentido, não discuto que estas respostas M, como as demais respostas de movimento humano, transcendem de uma rica vida interior. Admito igualmente que participem da criatividade. Podem significar, de algum modo, tendências autísticas como querem Phillips e Smith, se bem que aqui eu corrigiria ligeiramente: autistas, autocêntricas exatamente, não; automórficas, segundo a expressão de Schachtel, provàvelmente sim. O autocêntrico capta e guarda para si; o automórfico incorpora o que vem de fora, transforma-o dando-lhe seu toque pessoal e devolve-o ao ambiente, aumentado.

Com efeito, se aceitarmos a teoria da projeção tão cara aos rorschachistas, ninguém pode ver fora de si o que prèviamente não incorporou: fantasias ou vivências, realizações no desejo ou estilos de vida atualizados, estas respostas representam um acentuado e cálido interêsse humano, talvez em ocasiões distorcido, mas sempre presente; representam uma capacidade, ou quando menos um desejo, de compreender os outros, muito em consonância com a carreira que abraçaram; representam, em uma palavra, e para não alongar mais esta exposição, uma capacidade de *empatia*, de identificação, autêntica ou tendenciosa, com o sentir de outra pessoa. Em resumo, obedecem a uma atitude, não direi pedagógica como Zulliger, mas "pedempática", ou simplesmente e mais expressivamente, empática, empatia que é um dos traços de personalidade que Schachtel faz questão de atribuir às respostas de movimento humano não convencionais.

CRITICA

Tratando-se de um trabalho que não foi planejado como pesquisa, é natural que apresente alguns pontos débeis. As críticas científico-psi-

4) Esta interpretação encontra corroboração em outro trabalho do autor sôbre o teste de Allport: *Estudo comparativo de valôres nas profissões de economista, policial, jurista e psicólogo, in* "Arquivos Brasileiros de Psicotécnica", outubro-dezembro, 1963.

cológicas prefiro recebê-las do auditório; das metodológicas, vou mencionar algumas.

Não se sabe, por exemplo, até que ponto a visão dêsses perceptos obedece a uma estrutura básica da personalidade ou é resultado e reflexo da formação profissional, da análise a que muitos dos estudantes de psicologia se estão submetendo, dessa espécie de "voyeurismo" psicológico, para dentro e para fora de si que, como estudantes de psicologia, estão obrigados a praticar.

Outra tacêta mais criticável é que os grupos não diferem apenas na variável profissão. Quem pode assegurar que as diferenças não se devem a outros fatôres? Entre os estudantes de psicologia predomina o sexo feminino, o masculino entre os professôres (deve-se, no entanto, dizer que dos seis psicólogos homens três apresentaram êsse tipo de resposta, que, por outra parte, não foi dada por nenhuma das três professôras).

A diferença de idade média é outra variável que pode ter influído. Não creio, enfim, que o fato de uns candidatos serem cariocas e outros paulistas tenha tido uma influência decisiva.

De qualquer forma, uma verdadeira investigação deverá estudar grupos mais homogêneos, em que a única variável seja a profissão. Deveria ainda a pesquisa completar-se com a comparação de resultados entre aspirantes a psicólogos, estudantes de psicologia e (o que não parece possível) psicólogos formados. E deveria também realizar-se um estudo diferencial dos conteúdos.